

“EM ESPÍRITO E VERDADE” **Descolonizar a Bíblia e o Cristianismo**

Luiz José Dietrich

O Evangelho de João foi minha porta de entrada na Bíblia. Foi aceitando um convite para participar de um Estudo Bíblico do Evangelho de João que aos 21 anos de idade fiz meu primeiro contato com o Jesus da Bíblia. Até este momento eu só conhecia – e mal! – o Jesus das doutrinas da Igreja Católica Romana pré-conciliar. E já havia decidido deixar tudo isto de lado por não perceber nele uma importância significativa para a vida. O Jesus da Bíblia me abriu as portas e me trouxe de volta primeiro para o cristianismo e depois para a Igreja das Comunidades Eclesiais de Base. No entanto, desde o início estas palavras do verso 4,24 do Evangelho de João me intrigaram e, sem resposta, sempre me acompanharam. O que significa realmente adorar a Deus “*em Espírito e Verdade*”¹?

Na busca pelo significado desta frase topamos, neste mesmo evangelho, com outras citações também muito usadas e às vezes não menos intrigantes, embora pareçam ser mais fáceis de compreender do que a primeira. Uma delas é aquela parte da oração de Jesus em que ele ora “*para que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós para que o mundo creia que tu me enviaste*” (17,21). Este versículo tornou-se uma das citações mais usadas pelos movimentos e nos documentos ecumênicos. E isto cria um paradoxo, pois o Evangelho de João, com seu estilo dualista, é também o Evangelho que fornece a maior parte das citações que sustentam as perspectivas cristãs exclusivistas, isto é, citações que, segundo as interpretações mais correntes, afirmam que a única religião verdadeira, e que de fato pode nos conduzir a Deus, é o cristianismo.

Todas e todos conhecemos muito bem estes versículos:

1,18: “*Ninguém jamais viu a Deus, o Filho único, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer.*”

3,13-18: “*Ninguém subiu ao céu, a não ser aquele que desceu do céu, o Filho do Homem... a fim de que todo aquele que nele crer tenha a vida eterna... quem nele crê não é julgado; quem não crê já está julgado, porque não creu no Nome do Filho único de Deus.*”

3,35-36: “*O Pai ama o Filho e tudo entregou em sua mão. Quem crê no Filho tem a vida eterna, quem recusa crer no Filho não terá a vida. Pelo contrário, a ira de Deus permanece sobre ele.*”

1. Para as citações bíblicas, salvo indicação em contrário, será utilizada a Bíblia de Jerusalém, Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

6,35/48-53: “*Jesus lhes disse: Eu sou o pão da vida... se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes do seu sangue não tereis a vida em vós.*”

8,12: “*Eu sou a luz do mundo.*”

10,30: “*Eu e o Pai somos um.*”

11,25: “*Eu sou a ressurreição.*”

E assim, mesmo neste rápido passeio pelas páginas do evangelho, que certamente deixou de fora ainda muitos outros aspectos que sustentam as perspectivas exclusivistas, somos levados àquela que é a mais famosa destas frases, e talvez a mais usada para referendar a compreensão exclusivista do cristianismo como a única religião verdadeira, sendo um dos principais suportes para o monoteísmo cristão: “*E diz-lhes Jesus: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim*” (14,6).

Talvez não precisemos de muito esforço para lembrar, ao longo da história, quantas vezes esta perspectiva foi usada para impor o cristianismo a pessoas e povos de outras religiões. Quanto estas outras religiões foram discriminadas, menosprezadas, depreciadas e até demonizadas sob o impulso deste versículo? Quantas mortes marcam a história do cristianismo!

De perseguidos e martirizados... a perseguidores e martirizadores

No começo, poucas décadas depois da morte de Jesus, eram as seguidoras e seguidores de Jesus que enfrentavam punições e perseguições devido a divergências e conflitos com alguns membros e lideranças das sinagogas, e eram perseguidas e martirizadas por autoridades do império greco-romano por resistirem e se confessarem adeptas de uma “religião ilícita”. Mas depois da vitória de Constantino, ao redor do ano 330 dC, o Império Romano retira a proibição ao cristianismo, que passa a ser incluído na lista das “religiões lícitas”. E pouco mais adiante, no final do 4º século, uma versão do cristianismo é elevada a religião oficial do Império Romano, que de religião proibida passa a ser religião obrigatória. Neste processo, este cristianismo assumido pelo Império Romano é imposto, à força, para todos os povos integrados ao império. Neste processo, estes povos tiveram seus templos destruídos, seus deuses e deusas declarados inexistentes e proibidos, e as pessoas que insistiam em seus cultos tradicionais eram mortas em nome do crescimento deste cristianismo empoderado pelos objetivos, instituições e principalmente com as armas do Império Romano. O exército e as armas que antes matavam os cristãos, agora matavam quem se negava a tornar-se cristão e cristão segundo o Império Romano cristão. E matava-se em nome de Jesus Cristo, em nome da religião que era considerada a única religião verdadeira e capaz de salvar. Matava-se para impor uma religião para salvar os “pagãos e idólatras” de seus erros e pecados que os levariam à morte eterna.

Parte do versículo de João 16,2, “*virá a hora em que aquele que vos matar julgará realizar ato de culto a Deus*”, que em seu contexto original referia-se ao martírio sofrido por homens e mulheres das comunidades joaninas no final do primeiro século, pode também ser usado agora para descrever a morte de homens e mulheres que resis-

tiam a esta imposição religiosa e insistiam no culto a seus deuses e deusas. Os partidários do Império Romano cristão que os matavam julgavam estar realizando um ato agradável ao Deus Único.

É um paradoxo atrás do outro. Pois no Evangelho de João também encontramos outro daqueles versículos que são dos mais citados da Bíblia, um dos que certamente figura entre os nossos preferidos. Refiro-me àquele em que a comunidade joanina nos mostra Jesus falando de sua missão, dizendo que aqueles que haviam vindo antes dele foram “*ladrões e salteadores*” (Jo 10,8), e que Ele, como o bom pastor, veio para que todos “*tenham vida e a tenham em abundância*”. Contrapunha sua missão ao “*ladão que vem só para matar, roubar e destruir*”. E certamente o Evangelho de João nos foi legado por uma comunidade que sofria violências e martírio. A redação final do Evangelho aconteceu no contexto descrito em Jo 16,2: “*expulsar-vos-ão das sinagogas. Mais ainda: virá a hora em que aquele que vos matar julgará realizar ato de culto a Deus*”. Homens, mulheres e crianças destas comunidades estavam sofrendo este martírio. Mas quem martiriza em nome de Deus promove antes uma hierarquização, em que suas teologias, suas doutrinas, suas concepções de Deus, valem mais do que a vida humana. Assim mesmo aqueles que com violência impõem uma religião podem pensar que estão fazendo um bem, por exemplo, salvando aqueles povos dominados da ignorância do pecado e da perdição eterna, dando-lhes acesso à vida eterna... até a morte de alguns podia ser considerada um preço pequeno frente a tais recompensas...

Quem mata em nome de Deus presta culto ao Diabo

As comunidades joaninas experimentaram algo que as comunidades cristãs que nos proporcionaram os evangelhos sinóticos não experimentaram: a expulsão das sinagogas (9,34-35; 12,42; 16,2) e as perseguições do Império Romano. Os homens, mulheres e crianças destas comunidades estavam sofrendo perseguições tanto em nome do Deus dos judeus, como em nome do Deus do Império Romano. Muitos eram mortos nestas perseguições. É o evangelho que mais vezes nos apresenta Jesus, ou algum de seus seguidores e seguidoras, ou outra pessoa, sendo ameaçado de morte: 5,16-18; 7,1.19.25; 8,37.40.59; 10,31-33.39; 11,50.53; querem matar a mulher acusada de adultério (8,2-11); e matar também a Lázaro, que Jesus havia ressuscitado (12,10; cf. Mc 3,6; 11,8 e 14,1; Mt 2,13; 10,28; 12,14; 13,31; Lc 12,4 e 19,47). Neste sentido cresce de importância e significado a discussão que a comunidade joanina nos apresenta no capítulo 8 a respeito de matar em nome da fé, em nome de uma religião. Pois no Evangelho de João, como também nos sinóticos, Jesus, e também outras pessoas, são ameaçados de morte não por estarem fazendo o mal ou estarem ameaçando a vida de alguém. São ameaçados de morte simplesmente por falar de Deus de um modo diferente, em contradição com as doutrinas de algumas lideranças judaicas – na realidade era a comunidade joanina quem estava fazendo isto e certamente esta ameaça pesava contra ela. E a comunidade joanina nos apresenta, na resposta de Jesus (8,37-47), a afirmação de que o religioso ou religiosa que mata alguém em nome de Deus não segue a Deus e sim ao Diabo, é “*filho do Diabo*” que “*foi homicida desde o começo*”, que tem como característica própria falar a mentira, “*porque é mentiroso e pai da mentira*”

(8,44 e também 1Jo 3,10.15; 4,20). E, portanto, não fala a verdade, conceito que está na intrigante frase sobre adorar a Deus em “*espírito e verdade*”.

É bem possível que o fato de as comunidades joaninas estarem sendo mortas, em nome de Deus, por monoteístas judeus e por adoradores do Deus imperador e dos deuses do império, tenha fornecido critérios para a reflexão sobre as teologias e as espiritualidades que legitimavam estas práticas, e isto deve ter auxiliado estas comunidades a superarem as cristologias fundamentadas nestas tradições e avançarem na afirmação da divindade de Jesus (1,1; 20,28). E a partir disto colocam na boca de Jesus a expressão “*Eu Sou*” (6,35.48.51; 8,12.24.28.58; 10,7.9.11.14; 11,25; 13,19; 14,6; 15,1; 18,5.6) com a qual Javé revela o seu nome a Moisés (Ex 3,6) e preexistência de Jesus como Deus (1,1.15.30; 8,58), que caracterizam o quarto evangelho. Com isto esta comunidade está instituindo Jesus, não somente como uma pessoa que por seu viver nos revela o rosto de Deus (1,18; 8,19; 10,30; 14,7-11; 17,21-22), mas como o próprio Deus (18,5-6; 20,28).

Jesus revela o rosto de Deus como amor

Mas então qual era a característica de Jesus, que levava as comunidades joaninas a rejeitarem os deuses daqueles que os matavam e afirmar que Jesus era/é Deus? Apesar de provir das comunidades neotestamentárias que enfrentaram maior violência, este é o Evangelho que mais nos estimula a vivência do amor. Não nos fala do amor como substantivo abstrato, mas do amor como verbo, como prática. Nos outros evangelhos este verbo aparece cinco vezes no “sermão da montanha” (5,43.44.46[2x]; 6,24) e mais três vezes no restante do evangelho de Mateus (19,19; 22,37.39); no evangelho de Marcos aparece cinco vezes: uma em 10,21 e quatro vezes na apresentação do mandamento de amar a Deus e amar ao próximo como a si mesmo como a prática que supera “*a todos os holocaustos e sacrifícios*” (12,30.31.33[2x]); e em Lucas ocorre 6 vezes no “sermão da planície” (6,27.32[4x].35) e mais seis vezes no restante do evangelho (7,5.42.47[2x]; 10,27; 11,43; 16,13).

No Evangelho de João o amor está presente em todos os aspectos:

- 3,16: a missão de Jesus é lida como sendo expressão do amor de Deus;
- 5,42: acolher e praticar as palavras de Jesus é ter o amor de Deus;
- 8,42: quem é filho e filha de Deus ama a Jesus e pratica as suas palavras;
- 10,11.15.17: o Pai ama a Jesus porque ele dá a sua vida pelas suas ovelhas;
- 11,3.5.36: Jesus amava Marta, Maria e Lázaro;
- 13,1: a obra de Jesus foi amar aos seus e “*amou-os até o fim*”. Por isso Ele nos dá um “*mandamento novo: que vos ameis uns aos outros assim como eu vos amei*”, e a vivência das relações de amor é apresentada como a marca daqueles que seguem a Jesus (13,34-35);

- 14,23: quem ama a Jesus, guarda as suas palavras e torna-se morada de Jesus e do Pai;
- Jesus é a verdadeira videira, revela o núcleo sagrado da fé de Israel, e este núcleo é a prática do amor, e não do legalismo e do ritualismo (15,1-17);
- definem a missão de Jesus como “*Eu lhes dei a conhecer o teu nome... a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles.*”

Tendo a compreensão de Jesus como expressão do amor de Deus, a comunidade joanina também revela sua compreensão de Deus como Amor (cf. 1Jo 4,7-10). Por isso pode apresentar a Jesus como a verdadeira videira (15,1-17), isto é a verdade, a essência do judaísmo. Mas pode também apresentá-lo como a verdade e a essência da forma de cristianismo nascente na comunidade joanina. Assim podem em seguida apresentar a oração pela unidade: “*a fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes dei a glória que me deste para que sejam um como nós somos um, para que sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que me enviaste e os amaste como amaste a mim. Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que contemplem a minha glória, que me deste, porque me amaste antes da fundação do mundo. Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheci e estes reconheceram que tu me enviaste. Eu lhes dei a conhecer o teu nome e lhes darei a conhecê-lo, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles*” (17,21-26). Podemos ver isto também em 1Jo 4,11-21.

Descolonizar o Evangelho de João, descolonizar o cristianismo

Esta é uma possibilidade diferente de compreender os ditos do Evangelho de João que geralmente são compreendidos e interpretados de maneira exclusivista. Isto acontece porque lemos este Evangelho sob a ótica das perspectivas que nos foram legadas pelas formas predominantes dos cristianismos atuais, como a perspectiva do monoteísmo cristão. Estas maneiras de ler muito provavelmente fundamentam-se em cristologias posteriores, principalmente daquelas formas de cristianismo estabelecidas como religião oficial do Império Romano, ou das correntes cristãs que ao longo dos três primeiros séculos foram se amoldando ao *modus vivendi* imperial, produzindo um cristianismo adaptado às hierarquias entre dominadores e dominados, ricos e pobres, senhores e escravos, homens e mulheres.

Estas foram também as perspectivas dos cristianismos que embasavam os projetos de dominação e colonização dos portugueses e espanhóis que chegaram à África e depois à América Latina e também dos impérios que colonizaram a América do Norte. Mas se voltarmos mais atrás na história poderemos constatar que os países que estão na origem destes impérios europeus também receberam formas de cristianismo ligadas ao poder. O cristianismo que se implantou nestes países foi principalmente a forma de cristianismo codificada a partir da aliança com o Império Romano. Isto é, a destruição dos templos e das culturas locais, a demonização das deusas e deuses e a proibição das religiões nativas que os impérios europeus promoveram na África e nas Américas,

foi o que também eles sofreram na carne quando o Império Romano lhes impôs o cristianismo monoteísta como religião oficial.

É necessário rever o quanto estas perspectivas estão entranhadas em nossa formação e espiritualidade cristã. Elas se tornam especialmente visíveis quando formas de nossos cristianismos se defrontam com as religiões dos povos originários da África e das Américas. Quantos de nós, em nome de nossa fé cristã, ainda repetimos diversas formas de subjugação e de condenação das deusas, dos deuses e das religiões dos povos originários? Como explicar ainda hoje os ataques aos terreiros de Candomblé e Umbanda e os grandes esforços para a catequização dos “povos indígenas”, senão pela persistência de perspectivas que chegaram aqui nos barcos dos colonizadores?

Descolonizar a Bíblia

Entretanto, o processo é mais complexo. Perspectivas colonialistas e de dominação legitimadas por formas religiosas aliadas ao poder do Estado não estão somente nas mediações histórico-políticas que trouxeram a Bíblia e o cristianismo para estas partes do globo terrestre, mas estão também dentro da própria Bíblia, no ambiente onde ela se desenvolveu e nas teologias e nas espiritualidades que ela contém.

Numa rápida retrospectiva poderemos assinalar diversos momentos em que a promiscuidade da associação entre religião e fé evidenciou-se em atos de violência feitas em nome de Deus:

a) O Farisaísmo Rabínico, que reunido em Jâmnia, a partir de \pm 85dC, como centro de poder reconhecido pelo Império Romano, começa a perseguir e estabelecer punições com açoites, morte (Mc 13,9-13; Mt 10,28; 23,34-38), ou prisão (Lc 21,12) e até a expulsão (Jo 9,22.34; 16,2) de judeus que fundamentam sua prática e sua fé no Jesus Messias.

b) O Sinédrio Judaico, que reunido em Jerusalém \pm 33dC, decidiu a crucificação de Jesus de Nazaré, possivelmente por medo de serem acusados de complacência perante adversários do império (Mc 15,2-3; Jo 11,45-54).

c) O povo judeu, liderado pelos Macabeus, venceu uma longa guerra (167-142 aC) contra os reis Selêucidas que queriam proibir a religião judaica e impor o modo de vida grego aos judeus (1Mc 1,41-61; 2Mc 4,7-20) e foram vencedores. E os sucessores dos Macabeus, a dinastia dos Hasmoneus, teve as mãos livres para agir principalmente no vácuo de poder entre a morte do rei Selêucida Antíoco VII, \pm 129 aC, e o ano 63 aC, quando Pompeu anexou a Síria e a Judeia ao Império Romano. Neste intervalo, principalmente durante o governo do sumo sacerdote e rei João Hircano I, em 134-104 aC, e também no de Alexandre Janeu, seu sucessor, a vontade de expansão territorial e os métodos planejados de imperialismo político dos chefes judeus levou-os a muitas guerras. A maior parte delas terminou com a conversão forçada dos vencidos e muitas vezes com extermínios que lembrava o *anátema* praticado (sic) por Josué. João Hircano destruiu o templo do monte Garizim (Jo 4,20) e a cidade helenizada de Samaria e reduziu seus habitantes a escravos. Os Idumeus (Edomitas) e os Itureus da Galileia fo-

ram obrigados a se circuncidarem. A Pereia, conquistada por Alexandre Janeu, foi forçada a se judaizar. E a cidade de Pela foi destruída porque seus habitantes se recusaram a adotar as práticas judaicas.

d) Pouco antes disto o grupo hegemônico na reconstrução de Jerusalém, comandados pelo sacerdote Esdras, na Judeia, \pm 400 aC, impõe a perspectiva monoteísta para toda a história de Israel (Ne 9,6-37), estabelece e canoniza a Torá/o Pentateuco como Lei do único Deus e do rei (Esd 7,25-26, cf. 6,11-12), principalmente na perspectiva da lei do puro e do impuro (Lv 4,27-7,38) e patrocina com ela a expulsão das mulheres (Esd 9-10). Se este movimento já fora iniciado por Neemias, para excluir de Israel “*todo elemento estrangeiro*” (Ne 13,1-3.23-30), em Esdras isto se fará para “*purificar a raça/linhagem santa*”. Tudo sempre apreçoado e feito em nome de Deus.

e) Retrocedendo ainda um pouco mais chegamos ao rei Josias, que a partir de Judá, \pm 620 aC, ocupou militarmente as terras do reino de Israel e destruiu todos os seus lugares de culto, baniu seus deuses e deusas, matou os sacerdotes que se opunham e obrigou todo o povo da Samaria e de Israel, e também de todas as regiões de Judá a sacrificarem somente em Jerusalém e somente a Javé, conforme os padrões ditados pelos sacerdotes de Jerusalém. Com violência estabelece a monolatria, impõe para todas e todos o culto somente a Javé e somente em Jerusalém (2Rs 22,1-23,30).

f) Raízes para estas práticas violentas em nome de Deus são fornecidas pelo estabelecimento de uma religião oficial, que nada mais é do que uma religião a serviço do rei e de seus interesses. É uma religião de legitimação do poder. Esta começará talvez já com as ações religiosas de Saul (1Sm 13,9; 14,31-35; 15,21), mas principalmente com Davi, ao levar a Arca para Jerusalém (2Sm 6), e se tornarão mais manifesta com a construção do Templo por Salomão (1Rs 5,15-9,25). Seguirá com os reis sucessores no sul e também com os reis de Israel no norte, onde governarão várias dinastias que terão como deuses oficiais diversos deuses: no início, na dinastia de Jeroboão adotam Eloim (1Rs 12,28), depois, na dinastia de Amri, constroem Samaria e adotam Baal como o Deus oficial (1Rs 16,29-32). A casa de Amri será massacrada por Eliseu e Jeú, cuja dinastia terá Javé como Deus oficial (1Rs 10,28-30).

g) Observa-se assim que a corrente oficial da religião de Israel, antes e depois do exílio, insere-se em uma longa tradição das formas religiosas de legitimação do poder existentes não somente entre os reis cananeus, mas também entre os faraós do Egito... e muitos outros.

Mas Jesus certamente não entendia a religião nesta perspectiva. Nem a comunidade joanina. É isto que podemos ver nas diversas discussões entre Jesus e as autoridades judaicas que nos são apresentadas pela comunidade joanina. Ressaltamos a discussão no capítulo 8, mas estes aspectos aparecem muito fortemente na já exaustivamente estudada passagem do diálogo de Jesus com a samaritana, onde aparece a expressão adorar a Deus “em espírito e verdade”. Acho que agora já temos condições de esboçar uma resposta para o significado desta expressão.

Se Jesus não segue a linha das religiões oficiais, colocadas a serviço dos poderosos, qual é a religião de Jesus? Em que fontes de espiritualidade ele bebe?

Devido ao grande peso da releitura pós-exílica, ao ler a Bíblia hoje podemos ter a impressão que o povo de Israel era monoteísta desde o começo, ou que adorava somente a Javé e não possuía imagens divinas. Entretanto, como vimos, o monoteísmo foi adotado em Judá somente no período pós-exílico, em uma das reformas mais recentes pelas quais passou a fé de Israel. Pois a arqueologia e os próprios textos bíblicos nos mostram que o povo de Israel levou muitos séculos até tornar-se monoteísta e banir de seu meio o culto e as imagens destas diversas divindades.

Devemos lembrar que Israel vem de dentro da sociedade cananea e traz muitos elementos culturais e religiosos desta sua raiz. Assim, nos primeiros tempos de sua vida, as famílias camponesas e a monarquia de Israel cultuavam a diversos deuses e deusas, entre eles podemos citar Javé, El, Eloim, Baal, Astarte, Asherá, ou Aserá (1Rs 15,13; 2Rs 21,7; 23,7.13; Jr 44,15-19) e possuíam imagens destas divindades, tanto para usos e funções domésticas (Gn 31,19-35; 1Sm 19,13-16) como para funções e rituais públicos (Jz 6,25-32; 8,27; 17,1-13; 1Rs 12,26-33; 15,13; 2Rs 18,1-4; 23,4-20). Cada deus ou deusa tinha “jurisdição” sobre uma determinada área da vida. Havia as divindades da tempestade, da chuva e da fertilidade dos campos, divindades ligadas à fertilidade dos animais, das pessoas, do amor, da guerra e de muitos outros aspectos. Essa diversidade também acontecia porque cada tribo tinha seus santuários próprios e as vilas camponesas tinham vários locais de culto (Jz 6,24.26; 1Sm 1,3; 7,16-17), e também os chamados “lugares altos” (1Sm 9,12-14; 10,5; 1Rs 3,2-4). Javé possivelmente era o Deus da defesa da vida dos camponeses e garantidor das relações éticas de justiça e solidariedade (Ex 22,20-26; Dt 10,18-19; 24,10-22; 27,19; Sl 146,9; Is 1,17; Jr 7,6). Cada dinastia que chegava ao poder tinha seu Deus oficial. Em Judá, dominada pela dinastia de Davi, o Deus oficial será Javé.

Porém, um Javé bem diferente era adorado nas tribos. Nas tribos de Israel, formadas por gente de diversas origens, as relações são estabelecidas a partir da luta contra a opressão e pela liberdade e da experiência de Deus como uma presença libertadora, uma força aliada nesta luta. Testemunham que conquistaram a liberdade porque um Deus lutou ao lado delas contra os opressores. O nome “Israel” significa: “é Deus quem luta” (Gn 32,29). Porém, estes diversos grupos possuíam diferentes tradições religiosas: para os pastores nômades este Deus é *Elohim*, o Deus dos pais, o Deus dos antepassados (Ex 3,6; cf. Gn 31,53), ou *El Shaddai*, o Deus das estepes, ou das montanhas (Ex 6,3; cf. Gn 17,1). Para os escravos é o *Deus dos hebreus* (Ex 5,3; 3,18; 7,16), sendo que aqui “hebreu” não tem ainda a conotação racial de descendente de Abraão que terá no pós-exílio, mas é a forma hebraica da palavra *hapiru*, que designa a condição social de gente marginalizada. E ainda, para os camponeses cananeus este Deus é *El*, o Deus supremo do panteão cananeu (veja Nm 23,22; 24,8; cf. Gn 33,20; 35,7). Isto é o que aproxima as pessoas e as tribos, é uma experiência libertadora da divindade que, porém, ainda não é compreendida como única, são diversas divindades, inclusive muitas vezes representadas com imagens.

Mas, no processo histórico, da mesma forma como a história dos hebreus escravos absorve as outras, também as diversas experiências de Deus envolvidas nestas lutas por libertação vão sendo progressivamente identificadas com o Deus *Javé*. Talvez

até por influência da religião oficial, Javé será este Deus que *vê* a dor, que *ouve* o clamor, que *conhece* o sofrimento das pessoas oprimidas e empobrecidas, e *que desce para libertá-las* (cf. Ex 15,2-3; 6,2-7; 3,13-15; 3,7-8; 3,18; 7,16). Javé provavelmente é o Deus cultuado pelos camponeses que organizavam as linhas de defesa das famílias camponesas de algumas das principais tribos de Israel (cf. Ex 15,2-3; 14,14.24-25.27; Jz 4,14-15; 1Sm 17,47). Javé é o Deus que lutava junto com os camponeses que eventualmente transformavam seus instrumentos de trabalho em armas (1Sm 17,40-43) para defender a vida de suas famílias, suas colheitas, suas terras, sua liberdade.

E, assim, hoje encontramos na Bíblia muitas confissões semelhantes a essa: *os egípcios nos maltrataram e humilharam, impondo uma dura escravidão sobre nós. Clamamos então a Javé, Deus de nossos antepassados, e Javé ouviu nossa voz, ele viu nossa miséria, nosso sofrimento e nossa opressão. E Javé nos tirou do Egito com mão forte e braço estendido* (Dt 26,6-8). Assim, do mesmo modo como a história da libertação dos escravos tornou-se o paradigma, englobando as histórias dos outros grupos, também Javé englobou as outras experiências de Deus.

Jesus afasta-se da religião legitimadora do poder

Certamente, é desta fonte mais profunda que Jesus bebe. E a comunidade joânica, defrontando-se com a violência promovida e patrocinada pelas religiões judaica e romana oficiais, está apta a fazer a memória destes processos e contrapor o culto oficial a outro tipo de culto, o culto a Deus “em espírito e verdade”. Resgata o coração libertador da religião.

Isso fica claro no diálogo com a samaritana, na parte em que ela constata que Jesus é um “*profeta*” (4,19). Ela chega a esta conclusão depois que Jesus pede que ela busque o seu marido e ela responde que não tem marido. Com base nesta resposta Jesus parece que começa a falar sobre a religião da Samaria. Normalmente compreendemos a questão dos *cinco maridos* como sendo uma provável referência ao conjunto das divindades trazidas para a Samaria pelos exilados, provenientes de cinco regiões diferentes, que foram assentados em Samaria pelo Império Assírio (2Rs 17,24). Mas em sua resposta Jesus também diz a ela que “*o (marido) que agora tens não é teu marido*” (Jo 4,18). É depois desta afirmação que a mulher samaritana começa a ver Jesus como profeta. O que ela percebeu na fala de Jesus que a levou a classificá-lo como “*profeta*”? Provavelmente percebeu que Jesus tinha uma compreensão de Deus diferente da compreensão tradicional. Se os “*maridos*” referem-se aos Deuses, então a frase “*e o que agora tens não é teu*”, refere-se ao Deus que era adorado pelo povo da Samaria. Este Deus não era dos samaritanos, não era da mulher porque era o Deus do templo de Jerusalém, que lhes fora imposto pelo sumo sacerdote e rei João Hircano, por volta do ano 128 aC.

É dentro deste quadro que precisamos interpretar o que significa adorar a Deus “em espírito e verdade”. De forma negativa seria não adorá-lo na perspectiva das religiões oficiais, religiões mais preocupadas em legitimar o poder e as estruturas e hierarquias políticas, sociais e religiosas. E de forma positiva é adorar a Deus de forma coe-

rente com as experiências libertadoras que deram origem à religião, o Espírito do Deus da Vida. No Evangelho de João que tanto acentua a prática do amor, fato que será fortemente corroborado pela Primeira Carta de João (cf. 1Jo 4,7-21), significa adorar a Deus como amor, praticando o amor, pois Deus é amor (1Jo 4,8.16). E é com base nesta confissão, que ocupa o centro dos escritos joaninos, que podemos estabelecer perspectivas de leitura isentas do espírito colonialista, dominador que prevalece em muitas leituras bíblicas e práticas cristãs.

Creio que foram as perspectivas oficiais, colonialistas e imperialistas ainda presentes em nossa espiritualidade que nos levaram a interpretar Jo 14,6: “*E diz-lhes Jesus: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim*”, num sentido exclusivista. Uma releitura deste versículo deveria considerar seriamente que, no contexto em que a comunidade joanina está afirmando isto, não havia ainda “igreja” como nós entendemos hoje e nem cristianismo como uma religião estruturada separadamente do judaísmo. Portanto, certamente não estaremos sendo fiéis à compreensão da comunidade joanina, e talvez nem à de Jesus, ao interpretarmos que Jesus, o “eu” do versículo, refira-se a uma igreja, como querem as leituras mais conservadoras, e nem que se refira ao cristianismo como única religião verdadeira como pensam algumas pessoas mais ecumênicas. Estas leituras, acima de tudo, são feitas do ponto de vista das instituições mediadoras.

Penso que no contexto, que está repleto de afirmações sobre o amor e o amor de Deus por nós, o Evangelho de João – e também a Primeira Carta de João – crê que Jesus veio nos revelar que Deus é amor. Isto é, Jesus veio resgatar este núcleo sagrado do judaísmo, núcleo este que corria o risco de ficar soterrado sob a grande carga de legalismos e ritualismos que sobressaía no judaísmo oficial. Com suas palavras e com sua vida Jesus anunciou que Deus é amor, e foi coerente com isto até o fim (13,1). Procurou mostrar de diversas formas que Deus não é um conjunto de leis, Deus não é um conjunto de rituais, Deus não é uma igreja, Deus não é nem sequer uma religião: Deus é amor. Esta fé, crer que Deus é amor, e viver de maneira coerente com ela, é que é “o caminho, a verdade e a vida”. Somente se chega a Deus pelo amor. Uma releitura em perspectiva ecumênica e inter-religiosa vai então superar as práticas colonialistas e imperialistas e saberá reconhecer que em todas as religiões existe um núcleo sagrado direcionado à prática do amor. Este núcleo confere igual dignidade às religiões de todos os povos. Mas também dentro de todos os povos e suas religiões existem práticas que representam a negação do amor. Estas práticas sim devem ser combatidas e, se possível, eliminadas. A promoção do amor não somente dentro do cristianismo, mas também dentro das demais religiões, é a missão da pessoa e das comunidades que seguem a Jesus: “*nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros*” (13,35). E Jesus reforça isto em suas palavras de despedida: “*eu lhes dei a conhecer o teu nome e lhes darei a conhecê-lo, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles*” (17,26).

Este é o Evangelho, a boa notícia, que a comunidade joanina nos apresenta: “Deus é amor”. E a evangelização consiste em fazer crescer o amor, dentro do cristianismo e

dentro da imensa diversidade religiosa que marca as culturas humanas, que esta evangelização reconhecerá como mais uma expressão do incomensurável amor de Deus, que nos fez a cada um e a cada uma – e de cada ser vivo – uma experiência de vida única, inigualável e irrepetível. Que Jesus nos acompanhe por este caminho, que é verdade e vida, e nos ensine a verdadeiramente adorar a Deus em “espírito e verdade”.

Luiz José Dietrich
Caixa Postal 5150
88040-970 Florianópolis, SC
048-3234-2325
luizdietrich@ig.com.br